



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XIII
COLEGIADO DE PEDAGOGIA**

ADRIANA COSTA DOS SANTOS

**OLHAR PEDAGÓGICO DA RODA DE CONVERSA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: VIVÊNCIAS, PRÁTICAS E LUDICIDADE**

Itaberaba – BA
2021

ADRIANA COSTA DOS SANTOS

**OLHAR PEDAGÓGICO DA RODA DE CONVERSA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: VIVÊNCIAS, PRÁTICAS E LUDICIDADE**

Trabalho acadêmico apresentado ao Colegiado do Curso de Graduação Plena em Pedagogia, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de licenciada em Pedagogia, pela Universidade do Estado da Bahia/Campus XIII. Orientador(a): Izabel Dantas de Menezes

Itaberaba – BA
2021

OLHAR PEDAGÓGICO DA RODA DE CONVERSA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: VIVÊNCIAS, PRÁTICAS E LUDICIDADE.

SANTOS, Adriana Costa.
E-mail: adriana.costa16@yahoo.com.br

RESUMO: É na “rodinha de aprendizagem” que a nossa aula começa. Por meio desta que o conhecimento “gira” entre os pequenos e perpassa pelo educador, dando sentido a aprendizagem individual e coletiva da turma. A roda de conversa é um momento ímpar e de muita valia para as crianças pequenas no início do seu processo de escolarização, pois os propicia uma melhor forma de ver e sentir os colegas da turma. O formato de círculo não em vão. Este modelo possui o propósito de promover o “olho no olho” que resulta no estreitamento de laços o qual propõe um sentimento de afetividade entre os sujeitos. A partir disso, esse trabalho acadêmico tem por objetivo viabilizar uma prática importante dentro da educação infantil: as rodas de conversas, rodas de rotinas e rodas de conhecimentos. São muitos os nomes que pode se dar para essas práticas de ensino-aprendizagem e que não está apenas dentro da educação infantil, mas em todo o processo de aprendizado da criança nos anos iniciais. Utilizando da revisão bibliográfica com autores Jacinto Sarmento e Madalena Freire analisando seus trabalhos sobre a importância da rodinha na construção do diálogo e afetividade juntamente com relato de vivência com imagens que ilustra essa prática.

Palavras-chave: roda de conversa; afetividade; ludicidade.

ABSTRACT: It is in the “learning wheel” that our class begins, and it is this wheel that makes the knowledge “rotate” among the little ones, passing through the educator, giving meaning to the individual and collective learning of the class. A unique and very valuable moment for young children at the beginning of their schooling process, as it provides them with a better way of seeing and feeling their classmates, not to mention the circle format, which is nothing in vain, having precisely the purpose to promote the “eye to eye” that results in closer ties which in turn proposes a feeling of affection between the subjects. The objective of this work is precisely to enable an important practice within early childhood education, the conversation circles, routine circles and knowledge circles. There are many names that can be given to these teaching-learning practices and which are not only within early childhood education, but start in the early years of the child. Using the bibliographical review with authors Jacinto Sarmento and Madalena Freire analyzing their work on the importance of the wheel in the construction of dialogue and affection together with an experience report with images that illustrates this practice.

Keywords: conversation wheel; affectivity; playfulness.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	2
2	OBJETIVO	3
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	3
4	METODOLOGIA	7
5	JUSTIFICATIVA	7
6	DISCUSSÃO E RESULTADOS	9
7	CONCLUSÃO	13
8	APÊNDICES	14

1. INTRODUÇÃO

Na educação infantil podemos analisar que as estruturas e as formas de promover o ensino-aprendizado são diferentes em relação as outras modalidades de ensino. Inicialmente devemos evidenciar que a educação infantil tem um reconhecimento recente no sentido do dever e garantia do Estado. Neste aspecto é um campo de investigação recente e os temas e processos laboratoriais estão em constante análise. Por tempos a educação infantil aconteceu como um processo educacional não regulamento, quando somente em 1988 é que foi criada uma legislação educacional em torno desta etapa da educação.

É importante dimensionarmos a contribuição da pesquisa e ensino na educação infantil e nos processos educacionais, que visibilizam o conhecimento ainda na infância, criando metodologias, diálogos e conhecimentos em torno dessa pratica docente.

Este trabalho acadêmico resulta da experiência que viabiliza uma importante prática dentro da educação infantil: as rodas de conversas, rodas de rotinas e rodas de conhecimentos. São muitos os nomes que pode se dar para essas práticas de ensino-aprendizagem e que não está apenas dentro da educação infantil, mas em todo o processo de aprendizado da criança nos anos iniciais.

Ao analisarmos as rodas de conversas, podemos abordar alguns temas que estão ligados a educação infantil e que são estímulos no processo de aprendizagem. É importante observarmos a ludicidade e a afetividade da prática das rodas de conversas. É neste momento em que os indivíduos estão dialogando de forma horizontal, olhando um para outro.

Cabe salientar que para quem vivencia as rodas de conversas como algo primordial no processo de aprendizagem, consegue-se perceber a importância deste momento como troca de conhecimento e construção de vínculos afetivos, perpassando pela brincadeira.

Assim, evidenciar didáticas, ferramentas e métodos lúdicos é fundamental para o enriquecimento dessa prática pedagógica.

Os vínculos afetivos - prática importante no processo de ensino aprendizagem da educação infantil, conforme já destacamos - estão sendo cada dia mais abordados nas atualizações da BNCC – Base Nacional Comum Curricular e nas diretrizes curriculares que promulgam a importância da afetividade dentro dos ambientes escolares, considerado alicerce a ser introduzido nos anos iniciais.

A ludicidade está presente na vivência das crianças e não pode se distanciar da educação infantil. Na roda de conversa é também o momento de brincadeira, contação de histórias,

construção das rotinas, combinados e outras práticas educacionais a serem desenvolvidas pelo professor.

Neste sentido, apresentaremos algumas práticas que compreende a ludicidade, desenvolvidas no processo educacional pela discente Adriana Costa dos Santos na sua prática docente como professora na rede Municipal da cidade de Ruy Barbosa. Serão apresentados algumas possibilidades e didáticas através de um relato de experiências na Escola Municipal Vereadora Lionayr Pereira Brandão, na qual a discente atua como professora do grupo cinco na educação infantil, etapa da educação de crianças de cinco anos.

Nesta etapa educacional, a ludicidade é transmitida por várias linguagens artísticas, como: músicas, filmes de curta-metragem, jogos, brincadeiras, leituras e contação de histórias. Essas linguagens tem como propósito sensibilizar e encantar os estudantes, criando um estímulo na participação, expressividade dentro das rodas de conversas e conseqüentemente em outros espaços durante a aula.

Essas evidências didáticas, embasadas a partir da discussão teórica serão apresentadas neste relato com o intuito de contribuir na produção de conhecimentos, visibilização de outros relatos de experiências, trocas adquiridas durante a graduação e outras práticas pedagógicas que agreguem na formação de docentes, em especial, atuantes na etapa da educação infantil. As compreensões utilizarão como fontes, o relato das experiências durante a prática docente, a relação com as disciplinas estudadas na graduação, pesquisas bibliográficas sobre o tema e a própria BNCC, dentro de uma pesquisa qualitativa.

Desta forma, compreenderemos a importância da roda de conversa como prática na educação infantil, incentivando a ludicidade e a afetividade no espaço de sala de aula, a partir da apresentação da experiência docente sensibilizada pela importância destes aspectos no processo educacional.

2. OBJETIVO

Evidenciar a importância da rodinha em sala de aula para criar o vínculo afetivo e de aprendizagem, que está ligada diretamente com a prática da ludicidade na educação infantil.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A roda de conversa é um momento na rotina da educação infantil escolar. Não podemos ignorar sua importância para o desenvolvimento pessoal e coletivo dentro do grupo que a criança está inserida. Quem já vivenciou uma roda de conversa, seja como aluno ou como docente, consegue perceber a potência dessa metodologia. O formato circular e a forma como nos portamos, olhando um para o outro de forma igual e horizontal faz parte da construção desse espaço. Podemos dizer que é a Ágora das crianças, no qual elas podem se expressar e construir narrativas lúdicas e vínculos.

Ao analisarmos a prática docente na educação infantil percebemos que o campo simbólico é muito importante para criar significância aos estudantes e conduzir os processos de aprendizagem. É nesse momento que os indivíduos sentem falta um do outro, que fazemos a chamada para se reconhecerem, momento o qual falamos sobre o clima, tempo e dias da semana e é também o momento de combinarmos as atividades que acontecerão durante o dia.

Nos primeiros dias de aula a roda é um importante instrumento para que as crianças se conheçam melhor, sendo eles a princípio apenas espectadores, mas ao longo do tempo as crianças começam a se envolver, se conhecer e a trazer as novidades de casa por meio de comentários e discussões, participando como protagonistas desse momento da roda. (COSTA, 2018).

No artigo *Roda de conversa na educação infantil: qual o sentido da sua prática?* apresentado no congresso de educação – CONEDU, podemos observar que as autoras escrevem e questionam sobre a prática docente na educação infantil com foco nas rodas de conversas. Na citação acima podemos analisar a importância que ela envolve nos primeiros dias de aula para criar os vínculos entre os alunos.

Acrescentamos que essa prática deve ser decorrente durante todo o ano, não apenas no início do ano letivo. A roda de conversa é mais que uma roda de apresentação, mas um espaço para o protagonismo das crianças nesse processo educacional. Sendo assim, a prática deve ser cada dia mais aperfeiçoada e estudando o seu desenvolvimento adaptado a partir do aprendizado das crianças.

A roda de conversa como espaço de interação é importante para o desenvolvimento social das crianças, é nesse momento que teremos as trocas de informações e questionamentos em relação ao mundo que estão descobrindo. Como protagonista desse processo, as crianças interagem e dialogam com os seus pares e com os professores, que tem um papel fundamental na mediação das “rodinhas de conversas”.

Através dessa prática, que engloba o grupo como um todo, se pretende desenvolver com as crianças atividades em que a professora propõe uma forma qualquer de ação que exigindo o esforço individual de cada membro, valorize a participação do grupo em lugar de negá-la. (FREIRE, 2002).

Podemos considerar a posição de Madalena Freire (2002) em relação as rodas de conversas. Ela acrescenta que é nesse momento que temos um trabalho em grupo e colaborativo, reforçando o caráter coletivo na prática da rodinha. Todos dentro da rodinha têm um papel importante, tanto o professor como mediador e planejador desse espaço, quanto as crianças ao apresentarem suas ideias, medos, emoções, aprendizados e ludicidades.

O profissional da educação que atua na educação infantil tem um papel determinante dentro do processo educacional, observando a forma como interagem e conseguindo captar informações em relação aos alunos e construir planejamentos baseados nesses diálogos. Podemos dizer que a roda de conversa é também parte do processo de planejamento dentro das ações de execução e que será fundamental na avaliação dos alunos, tornando essa prática uma experiência significativa para a docência e para os alunos.

Ao analisarmos a BNCC em relação a educação infantil conseguimos identificar o processo de igualar a educação infantil às demais etapas de ensino, como ensino fundamental I e II. Quando se incorpora a educação infantil na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, verificamos avanços significativos em relação ao direito das crianças nos primeiros anos escolares e que fundamentam a pesquisa em um campo abrangente.

Sendo assim, conseguimos identificar na BNCC alguns direitos de aprendizagem e desenvolvimento que são pilares da educação infantil, criando nortes para a docente. Um dos pontos entre os seis direitos, recai muito sobre o que vem sendo explanado nesse trabalho e que está diretamente ligado a pratica das rodas de conversas.

Segundo a BNCC é direito da criança:

Participar ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando. (BNCC, p.38, grifo do autor).

A partir desse trecho referente aos direitos das crianças conseguimos analisar que a participação ativa é importante como princípio básico para formação das crianças dentro do espaço escolar. Sendo assim, podemos perceber que é no momento das rodas de conversas que

esse direito é garantido e conseguimos observá-lo de forma prática. Isso não quer dizer que a participação da criança está vedada apenas a esse momento, mas que esse momento deve ser analisado de forma efetiva, intensificando a sua participação e entendendo a sua importância.

Ao partirmos do pressuposto de que as crianças não são sujeitos passivos desse processo de ensino-aprendizagem, conseguimos decolar no sentido de expansão do ensino, conseguindo percebê-las como parte importante desse processo.

Cada criança tem o seu imaginário e sua bagagem - ainda que pequena - de experiências de vida que dialogam com o ambiente escolar.

A pedagoga Madalena Freire (2002) em seu trabalho intitulado *A paixão de conhecer o mundo*, dialoga com essas questões que são fundamentais para o entendimento da roda de conversa como um espaço funcional da educação infantil. Através da sua dedicação em relação ao processo de ensino-aprendizagem de forma horizontal, ela traça meios possíveis para compreendermos melhor o espaço escolar.

Ao apresentar modelos não rígidos de estruturas escolares, analisando o papel do professor-mediador das conversas e dos alunos como integrante ativos do coletivo, teorizando sobre as rodas de conversa e a sua função na educação infantil.

Hora da conversa na roda é o momento de participação do grupo em que todos falam, dão opiniões, reivindicam, com o objetivo de desenvolver a relação ao conhecimento de alunos entre si e com a professora – coordenadora da conversa- que tem claro trabalhar o egocentrismo tão nítido nessa fase. Nesse contexto, o trabalho da professora dá ênfase sempre à substituição da noção do “meu” para o do “nosso”, levando as crianças a perceberem o real sentido do grupo. (FREIRE, 1983)

Cabe ressaltarmos, um aspecto da citação de Madalena Freire é em relação ao destaque que ela faz para a palavra reivindicar. Quando ouvimos o termo, nos questionamos sobre a importância da reivindicação no processo de ensino-aprendizagem. Em seguida ela também fala sobre o egocentrismo dos professores em detrimento às vontades e reivindicações dos alunos na hora da rodinha. Esse é um assunto delicado, visto que a definição de crianças é relativamente um assunto contemporâneo. Analisando o passado, conseguimos identificar que as crianças eram vistas como nos dias atuais, diferente da visão do início do século XX no Brasil. Um passado recente que vale a pena a investigação quando estudamos o mundo da infância e suas questões sociais.

A criança enquanto sujeito social com direitos e deveres é uma abordagem recente que se concretizou no ECA – Estatuto das Crianças e do Adolescente, na década de 80 do século

passado. É através do referido estatuto que conseguimos perceber a dimensão social das crianças e os processos históricos de construção desta fase da vida, seja no âmbito educacional, familiar, institucional e social. Sendo assim, as definições de crianças é uma construção social.

Acrescenta Manuel Jacinto Sarmento sobre o assunto:

Com efeito, crianças existiram sempre, desde o primeiro ser humano, e a infância como construção social — a propósito da qual se construiu um conjunto de representações sociais e de crenças e para a qual se estruturaram dispositivos de socialização e controlo que a instituíram como categoria social própria — existe desde os séculos XVII e XVIII Nada poderia, por consequência, explicar esta atenção recente em todo o mundo não fora o facto dos tempos actuais introduzirem novas circunstâncias e condições à vida das crianças e à inserção social da infância. (SARMENTO, M.J. 1997)

Dito isso, devemos acrescentar na prática docente a escuta ativa sobre a infância com as próprias e entender as suas reivindicações, sejam elas educacionais, familiares e sociais. Introduzir principalmente, a ideia de infância como uma fase da vida que possui direitos e deveres. Cabe ao docente aguçar a participação ativa das crianças desde a educação infantil.

4. METODOLOGIA

A construção da experiência, o relato de experiências durante a minha prática docente na Escola Municipal Vereadora Lionayr Pereira Brandão, no grupo 5 da educação infantil, a relação com as disciplinas estudadas na graduação, pesquisas bibliográficas sobre o tema e a própria BNCC, dentro de uma pesquisa qualitativa.

5. JUSTIFICATIVA

Foi no estágio 2 do curso de pedagogia, que despertou o interesse especial por conhecer melhor o processo na Educação Infantil, e assim entender melhor como a ludicidade, enquanto instrumento pedagógico, pode possibilitar a aprendizagem das crianças, tornando um processo natural e espontâneo. Pode também instigar o educador a inovar, ir além da criatividade, promovendo conhecimento de si, do outro e de mundo, através de brincadeiras, contação de histórias e músicas.

O ano era 2017, cursava o sexto semestre do curso de pedagogia quando surgiu a inquietação acerca do processo de ensino e aprendizagem na educação infantil. O cenário era a Escola Municipal Jhon Kennedy da cidade de Ruy Barbosa, no turno vespertino, onde iniciei o estágio. Logo nas primeiras semanas de observação percebi a imensa necessidade que as crianças apresentam pelo brincar, por explorar de forma “divertida” o universo que lhes rodeia. Observando também que a professora regente da turma não compreendia muito bem esta necessidade das crianças e utilizada pouco do recurso da ludicidade.

As carteiras sempre enfileiradas com objetivo de manter segundo ela a “disciplina” da turma, evitando assim a “desordem” e “bagunça” das crianças, remetendo a uma educação limitadora e tradicional. Ficava evidente a inquietação por parte dos alunos em relação a prática e a doutrina educacional presente na sala de aula.

Nos momentos de realizações das rodinhas de aprendizagem, estes eram os momentos que mais chamavam a minha atenção e criava inquietações somente em observar. Este período da aula que requer do educador uma mediação ativa e criativa entre aluno e conhecimento, pois é nesta prática pedagógica que o aluno adquire conhecimentos básicos, tais como: descobrir em qual dia da semana estamos, observar como está o clima/tempo naquele dia. O aluno passa a perceber-se como ser integrante daquela turma/grupo, e até mesmo reconhecer o outro como parte da coletividade. Passa a adquirir também, conhecimentos mais “recém-chegados” à sua vivência cotidiana, tais como vogais, numerais, alfabeto, formas geométricas.

A profissional que regia a turma à época sem dar a devida importância a este momento de troca entre educador e criança, criança com educador, criança com criança e também de troca coletiva entre toda a turma, permanecia assim os alunos sentados em suas respectivas carteiras enfileiradas. A professora se dirigia até a frente da sala, de pé, realizava perguntas referentes ao dia da semana, o clima/tempo daquele dia, quem se fazia presente na aula naquele dia, tudo de forma oral aos alunos. A medida que os alunos respondiam, ela própria marcava nos murais, respostas referentes a cada uma das perguntas.

Observar aquela prática diária e rotineira levou a criar vários questionamentos internos referentes a própria prática em sala de aula: poderia ser diferente? mais atrativa? poderia colocar os alunos como protagonistas deste momento de aprendizagem? será que a utilização de uma prática mais dinâmica e interativa, conseguiria promover uma maior atenção dos alunos e em consequência disto, uma maior aprendizagem?

Abordado todos esses questionamentos e inquietações nas aulas de estágio da UNEB, Campus XIII, a orientadora Izabel Dantas de Menezes apresentou algumas respostas para todas

aquelas inquietações. Fazia sentido, é o processo da prática docente que cresce através das observações.

Observar nas crianças o desejo e a necessidade de haver uma maior interação entre eles, e de explorar o universo que lhes rodeava, com a descoberta de coisas novas, não como algo obrigatório, imposto, mas sim como uma consequência, como resultado de um processo dinâmico. Tudo isso envolvendo desafios e descobertas em todo seu percurso, descobertas estas que ocasionaria aprendizagem de forma leve, agradável e espontânea.

6. DISCUSSÃO E RESULTADOS

É na “rodinha de aprendizagem” que a nossa aula começa, e é esta roda quem faz o conhecimento “girar” entre os pequenos, perpassando pelo educador, dando sentido a aprendizagem individual e coletiva da turma. Momento ímpar e de muita valia para as crianças pequenas no início do seu processo de escolarização, pois os propicia uma melhor forma de ver e sentir os colegas da turma, sem falar no formato de círculo que não é nada em vão, possuindo justamente o propósito de promover o “olho no olho” que resulta no estreitamento de laços o qual por sua vez propõe um sentimento de afetividade entre os sujeitos.

Propiciando assim de forma bem natural a aprendizagem. Acredito que esta afetividade, nada mais é que, resultado positivo dos estímulos recebidos na roda de aprendizagem, estímulos estes que melhor desenvolvem as habilidades psicomotoras dos alunos.

Este é um momento de troca entre os alunos, na “conversa informal” por exemplo, momento este que é destinado para que os alunos falem sobre os acontecimentos do final de semana deles com suas famílias, tudo isso gera uma certa “curiosidade” e interesse pelo universo do outro, universo este, até então desconhecido para os demais alunos. É possível notar o interesse pelo enredo das histórias narradas de forma natural e que ao mesmo tempo possui riqueza de detalhes.

A concentração ao ouvir cada momento narrado e conseqüentemente a utilização do imaginário para ilustrar mentalmente cada fato que lhe é narrado com muita precisão, é neste momento que fizesse perceber ali mesmo na rodinha, grandes contadores de histórias, iniciando esta prática tão somente através de uma simples narrar fatos que aconteceram em seu final de semana com seus familiares e amigos extraclasse.



Culturas diferentes da nossa faz parte da nossa roda. 30 de agosto de 2022. Acervo pessoal.

É então neste momento que a criança se sente não somente um mero telespectador, participante da aula, mas sim um verdadeiro protagonista daquele processo, a partir deste momento o aluno percebe que, a “história” dele, quem ele é, é também importante para que o processo educacional aconteça, é como se neste momento ele tivesse certeza de que sem ele o processo até ocorreria, porém não seria o mesmo, muito menos carregaria o mesmo sentido e importância.

A rodinha do aprendizado vai do apresentar-se na primeira semana no início do ano letivo, ao perceber-se como ser integrante de um grupo e sentir pontuando diariamente a falta que faz os demais do grupo quando não se fazem presentes na aula, é reconhecer o outro como ser importante, como peça fundamental do processo de ensino aprendizagem. Eu enquanto professora mediadora do conhecimento na turma me sinto na obrigação de instigar nos alunos diariamente o interesse pelo outro, o cuidado e atenção por igual dos alunos para com os demais da turma. Assim como também estou sempre muito atenta a cada questionamento da turma, sejam eles individuais ou coletivos, acredito que, a forma como estes questionamentos são recebidos e esclarecidos que vai instigar nestes alunos ou não, o interesse pelo explorar, ir além das descobertas iniciadas justamente na “rodinha da aprendizagem”.



Olhares atentos. É hora do encantamento 20 de setembro de 2022. Acervo pessoal.

Vale salientar também que, é a partir deste momento que as crianças se sentem à vontade e confortáveis para ser de fato, verdadeiramente quem elas são, sem “amarras” ou seja, sem medo de repressão, o que em alguns casos frequentemente acontece no leito familiar nos momentos em que se expressam expondo suas opiniões no meio de uma “conversa de adulto” por exemplo, eles passam a valorizar seu lugar de fala e se sentem valorizados ao falarem e serem verdadeiramente ouvidos. Não que este momento seja tão somente o único lugar de fala das crianças, seria somente na rodinha da aprendizagem o espaço que a criança pode se expressar? Não, mas sim o principal fator influenciador e incentivador da fala dos pequenos. Digamos que, é na roda que o aluno é encorajado, atizado, aguçado a falar, e nos demais momentos já com maior propriedade de fala, eles se sintam mais à vontade para opinar, tirar suas dúvidas explorar questionando cada atividade construindo verdadeiramente momentos de aprendizagem.

Faz- mais que necessário lembrar que nestas rodas de conversa, todos exercem papel fundamental e indispensável, tanto quem faz uso da fala no momento, quanto quem ouve, sem esquecer do mediador de todo o processo, o professor, que é o responsável por inverter estes papéis nos momentos mais propícios, indicando assim a capacidade que todos eles possuem tanto de ouvir, como também de falar.

Além de este momento me propor enquanto educadora, um espaço propício a realização de uma análise, avaliação contínua dos meus alunos, evidenciando assim seus avanços, dificuldades e superações. Neste momento chego à conclusão ou não que, minha prática

necessita de aperfeiçoamento, podendo assim se adequar a atender necessidades educacionais dos meus alunos. Tudo isto agrega ainda mais valor e significado a este momento tão rico em aprendizagens para ambas as partes.



Cantigas de roda, cultura popular, na nossa roda não pode faltar 12 de outubro de 2022. Acervo pessoal.

Esta prática diária vivenciada no chão da educação infantil, é um anseio por atender um dos direitos de aprendizagem da criança que se faz presente na Base nacional Comum Curricular – BNCC, o direito que a criança tem de PARTICIPAR, ou seja, a criança precisa ser ouvida, seus anseios e preferências necessitam ser levadas em consideração, em todo e qualquer planejamento da escola à escola que elas estejam inseridas. As atividades elaboradas para as mesmas, precisam levar em consideração tanto as necessidades coletivas da classe, como também as individuais de cada aluno. Essa participação ativa dos alunos me permite por exemplo ter conhecimento das suas escolhas referentes às brincadeiras que mais lhe interessam, brincadeiras estas que instiguem e propiciam a aprendizagem e socialização deles. Este simples feito não deixa de instigar na criança desde muito cedo a certeza da sua capacidade de fazer escolhas, ao invés de alguém sempre escolher por ele como de costume em sua família, na escola ele poderá optar pelo que é ou não melhor para ele dentro e fora do processo de ensino aprendizagem.

Outro direito de aprendizagem da BNCC, o qual está bem evidente na rodinha de aprendizagem é o direito que a criança tem de se EXPRESSAR, é fascinante perceber o

“desabrochar” de cada criança ao se expressar dentro da roda. No início apresentando timidez, expressando-se com poucas e muitas vezes palavras soltas, as quais equivocadamente julgamos sem sentido, é justamente neste fator que reside o meu fascínio pelo que essa roda proporciona, a evolução gradual de cada fala, a troca natural das poucas e soltas palavras por belíssimas histórias, muitas delas originadas do universo imaginário da criança, mas que prendem a minha atenção de tal forma, como poucas outras situações conseguem, me fazendo viajar ao encontro do imaginário daquela criança, ilustrando mentalmente cada um daqueles fatos narrados de forma tão sublime, isto para mim é simplesmente fantástico.

7. CONCLUSÃO

Quão encorajador não é para um adulto acompanhar o processo de aquisição de autonomia da criança, quando ela já não mais expressa seus medos através do choro, e passa a externá-los através de palavras ou frases pelo simples fato de se sentir a vontade, acolhido e confiante em meio aos seus colegas e professor. Tudo isto é libertador para uma criança, levando em consideração que, o simples fato de ela conseguir externar tais sentimentos que lhe causam repulsa, já lhe ajuda no processo de libertação dos mesmos.

É importante também fazer ressalva aqui, referente a toda valorização democrática que a roda de conversa proporciona. Um espaço onde todos democraticamente têm seu direito de falar e ser ouvido respeitado, levando em consideração que todas as opiniões devem ser respeitadas, e eu enquanto professora mediadora da roda instigo e promovo este “respeito”, através de um leve e desprezioso diálogo informal com os alunos que acontece ali mesmo na rodinha.

Cada criança a partir de sua vivência familiar, escolar e até mesmo extraclasse, possui seu imaginário particular, suas aprendizagens se desenvolverá a partir desta imaginação, pois acredito que a aprendizagem na educação infantil nada mais é que, a recriação de idéias que já se encontram no imaginário da criança.

8. APÊNDICES

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS



Na hora da contação, de toda muita atenção, 10 de agosto de 2022



Ruy Barbosa na palma das mãos, nós pisamos nesse chão, 25 de agosto de 2022. Acervo pessoal.



A serpente da serra do Orobó, mito, lenda ou verdade será? 23 de agosto de 2022

DINÂMICAS EM GRUPO



Mãozinhas pro ar, habilidades psicomotoras nós vamos treinar. 16 de março de 2022



Nosso corpo a expressar a alegria de aqui estar. 17 de agosto de 2022



A roda da música, ritmo, alegria e muita cantoria. 19 de agosto de 2022



Criando convicção de que o futuro da nação, está em nossas mãos. 06 de setembro de 2022



Deixa a roda girar, na natureza é o nosso lugar. 18 de outubro de 2022

CALENDÁRIO E ROTINA



No tic tac do relógio estar, a vontade de aprender, e para o conhecimento despertar. 14 de setembro de 2022



Com muita cor e magia, é na rodinha que começamos a colorir o nosso dia. 28 de setembro de 2022



É com muito afeto e leveza, que melhor aprendemos, com certeza. 07 de outubro de 2022

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- FREIRE, Madalena - A Paixão de conhecer o mundo - Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2002
- MOTTA, Flavia Miller Naethe. Salada de Crianças: a roda de conversa como prática dialógica. In: Educação Infantil: enfoques em diálogo. 2 ed. Campinas: Papyrus, 2011, v.1, p. 67-84.
- VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1994. ZABALZA, M.A. Qualidade em educação infantil. 1º edição. Porto Alegre, RS: Editora Artmed, 1998
- BOMBASSARO, Maria Cláudia. A Roda na Educação Infantil: Aprendendo a Roda aprendendo a conversar. 2010. 96f. Dissertação (Mestrado) –Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. 2018.
- SARMENTO, M. J. . Construir a educação infantil na complexidade do real. Pátio (Porto Alegre. 2002) , v. 32, p. 02, 2012.
- SARMENTO, M. J. ; PINTO, M. . As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: M. Pinto; M. J. Sarmento (Coord.). (Org.). As Crianças: Contextos e Identidades. Braga: Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho., 1997, v., p. 09-30.